



História da Educação em Juara: currículo e cultura escolar na década de 1980

History of Education in Juara: curriculum and school culture in the 1980's

LEITE, Francine Suélen Assis\*  
FALCÃO, Jairo Luis Fleck\*

**Resumo:** Embrenhando-se em uma terra desconhecida, em busca de melhores condições de vida, fascinados pelo deslumbre do Eldorado, pelas propostas e propagandas das corretoras e colonizadoras, vinham os primeiros colonos para as regiões norte e noroeste do Mato Grosso. Vendiam suas terras na região sul e sudeste e migravam para a Amazônia legal, com o intuito de adquirir grande extensão de terras em um local de “abundância” e possível prosperidade, conforme apregoava as propagandas das colonizadoras. Este artigo é parte da pesquisa do subprojeto “Desafios e Conquistas na Trajetória da Educação em Juara: História, Cultura Escolar e Currículo nas Instituições de Ensino Juarenses” vinculado ao projeto “Fronteira, Territorialidade e Cultura: História de Juara-MT na memória de seus habitantes”, institucionalizado, contemplado com bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq e desenvolvido na UNEMAT/Juara, que visou compreender o desenvolvimento da História da Educação em Juara ao longo do tempo, esboçando seus desafios e conquistas, por meio do estudo da Cultura Escolar dessa

---

\* Graduada em Pedagogia pela Unemat, Juara-MT, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT/Cuiabá, Cuiabá, MT. Bolsista Capes. Email: fransuelen133@outlook.com.

\* Doutor em História pela UNISINOS, São Leopoldo-RS, Mestre em História pela PUCRS, Porto Alegre-RS, Graduado em História pela UFPel, Pelotas-RS. Pós-Doutor em Economia pela UFMT, Cuiabá-MT. Professor da UNEMAT - Curso de Pedagogia e ProfHistória. Email: jairofalcao@unemat.br.

Recebido em: 12/03/2019  
Aprovado em: 28/05/2019

instituição de ensino do município de Juara e das mudanças curriculares durante a trajetória da educação no município. Neste sentido, traremos a análise de fragmentos da entrevista realizada com o professor de matemática aposentado, João Donizete Molina, que lecionou na Escola Estadual Oscar Soares, uma das primeiras escolas fundadas no município de Juara e uma parte da bibliografia utilizada que conta todo o processo de colonização do município pesquisado. Por meio das narrativas de memória do professor, podemos analisar como se delineava o currículo e a cultura escolar da década de 1980 na escola Oscar Soares. Nota-se na fala do entrevistado um sentimento de saudosismo, um grande apego e fidelidade ao passado, aos costumes da época e aos métodos tradicionais de ensino. Pode-se destacar que nossa história surge da luta e dos sonhos de alguém. Nosso povo carrega marcas de muitas lutas.

**Palavras-chave:** Juara; Colonização; Currículo; Cultura escolar; Memória;

**Abstract:** Embarking on an unknown land, in search of better living conditions, fascinated by the Eldorado's dazzle, by the proposals and advertisements of the brokers and colonizers, the first settlers came to the north and northwest regions of Mato Grosso. They sold their land in the south and southeast and migrated to the legal Amazon, with the purpose of acquiring a large expanse of land in a place of "abundance" and possible prosperity, according to the advertisements of the settlers. This article is part of the research project "Challenges and Achievements in Education in Juara: History, School Culture and Curriculum in Juarenses Teaching Institutions" linked to the project "Frontier, Territoriality and Culture: History of Juara-MT in the memory of its inhabitants", institutionalized, with a PIBIC / CNPq scientific initiation scholarship and developed at UNEMAT / Juara, which aimed to understand the development of the History of Education in Juara over time, outlining its challenges and achievements, through the study of School Culture of this educational institution of the municipality of Juara and of the curricular changes during the education trajectory in the municipality. In this sense, we will analyze the fragments of the interview with retired mathematics teacher, João Donizete Molina, who taught at the Oscar Soares State School, one of the first schools founded in the city of Juara and a part of the bibliography used that counts the whole process colonization of the studied municipality. Through the teacher's memory narratives, we can analyze how the curriculum and the school culture of the 1980's were outlined in the Oscar Soares school. It is noted in the interviewee's speech a feeling of saudosismo, a great attachment and fidelity to the past, the customs of the time and the traditional methods of teaching. It can be emphasized that our history arises from the struggle and the dreams of somebody. Our people bear the marks of many struggles.

**Keywords:** Juara; Colonization; Curriculum; School culture; Memory.

## Introdução

Na década de 1970, os governos militares implementaram as políticas de colonização da Amazônia e do Centro-Oeste, denominada de “Operação Amazônia”, pois essas regiões eram consideradas espaços “vazios”. Desse modo, dentro de um contexto de política de substituição da reforma agrária pela colonização e da ocupação e desenvolvimento de regiões de fronteiras, na configuração da integração nacional, o governo incentivou um processo de ocupação e reocupação da Amazônia, tornando-a

paulatinamente produtiva na engrenagem capitalista. Conforme Joaroni Neto (2008), nessa mesma década, criou-se o Programa de Redistribuição de Terra (PROTERRA), que buscava estimular a agroindústria, e se espalharam pelo estado de Mato Grosso as empresas privadas de colonização. Devido a este programa, os empresários poderiam explorar esses espaços inabitáveis e criarem projetos de colonização.

A partir de então, começam as fortes migrações para o Norte e Centro-Oeste do país, “a terra fantástica da Amazônia arrastou um sem número de famílias pobres do campo para lá, provenientes de várias regiões do país” (GUIMARÃES NETO, 1986, p. 1), as fortes divulgações dessas terras, consideradas um “tesouro” no final do arco-íris para quem trabalhava arduamente para conquistar seu pedaço de terra e prover seu sustento e da família, fizeram com que pessoas de várias regiões comprassem terras (GUIMARÃES NETO, 1986). Principalmente moradores da região Sul se deslocavam para o Mato Grosso, corretores se deslocavam para a região Sul, iam até as plantações de café ofertar terras a agricultores, vinham com o discurso de que esses homens, mulheres e crianças seriam o progresso para a nova cidade que viria nascer (JOANONI NETO, 2008).

Neste artigo, objetiva-se compreender a colonização de Juara e o processo de desenvolvimento da educação escolar no seu início e caracterizar as dificuldades e os desafios encontrados pelos migrantes. Para isso, lançam-se as seguintes questões de pesquisa: Como ocorreu o processo de colonização em Juara? Como foram os primeiros passos da educação escolar nesse período na Escola Estadual Oscar Soares?

Juara surgiu a partir do ano de 1971, quando a Sociedade Imobiliária da Bacia Amazônica (SIBAL), liderada por José Pedro Dias, mais conhecido como Zé Paraná, veio para a região com o intuito de criar um município no Vale do Arinos. O ponto inicial da colonização foi o córrego Água Boa, no dia 8 de outubro de 1971, até então, denominado de Gleba Taquaral. No ano de 1972, chegam as primeiras famílias para o jovem local. As famílias trabalhavam juntas para construir suas casas e, em comunhão, se reuniam para dialogarem sobre o destino do novo povoado. Os projetos coletivos eram implantados pelos migrantes para atender ao bem-estar de todos e o trabalho ali era contínuo e, muitas vezes, desgastante. A cada dia o fluxo migratório crescia cada vez mais: a jovem cidade ia recebendo mais migrantes, fazendo-se necessário que se criasse infraestrutura necessária para atender a essas famílias. Era necessário que se construíssem escolas para o atendimento e oferta de ensino para os filhos dos colonos. No ano de 1974, cria-se a Escola Estadual de 1º Grau, instituição que ofertava a modalidade das séries iniciais (1ª a 4ª série) por meio do decreto nº 2237.

A escola Oscar Soares foi criada, porém, não foi realizada nenhuma construção digna para atender ao grande número de educandos, sendo um descaso com os filhos dos colonos e suas famílias que lutavam a cada dia para o crescimento de Juara. A SIBAL era a responsável pelo espaço físico da nova escola, a prefeitura de Porto dos Gaúchos arcava com os honorários dos professores, cujo quadro docente era formado por pessoas que possuíam a 1ª a 4ª ou 5ª série do 1º grau. Os professores que começaram a lecionar não possuíam habilitação na área, sendo necessário, assim, um curso de reciclagem no município de Novo Horizonte do Norte. Juara passa a se desenvolver constantemente, e requer um trabalho de organização educacional. No ano de 1976, a comunidade passa a promover um movimento para que fosse atendida a regulamentação e normatização, buscando que fosse estendido das séries iniciais do então colégio de 1º Grau para 5ª a 8ª séries.

Para buscar respostas a essas questões, foram utilizados pesquisa bibliográfica, em que analisamos artigos sobre os processos de colonização no Mato Grosso e três Trabalhos de Conclusão de Curso da área de Estudos Sociais (História e Geografia), apresentado ao curso de Pedagogia, na modalidade Licenciatura, para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Núcleo de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Mato Grosso, trabalhos que foram cedidos ao projeto.

Além da utilização de material bibliográfico, empregou-se também para a coleta de dados a metodologia da História Oral. Esta metodologia utiliza-se da memória e da oralidade como fontes de informação e como ferramenta principal. Segundo Alberti (2003, p. 1), “consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa”. Falcão (2015) destaca que a História Oral compreende as seguintes etapas: i. Observação e pré-entrevista; ii. Seleção de sujeitos a serem entrevistados; iii. Elaboração do roteiro de entrevistas; iv. Realização das Entrevistas; v. Transcrição; vi. Tratamento das entrevistas e transcrições; vii. Armazenamento; viii. Produção de um índice; ix. Disponibilização para pesquisa.

O acesso a essas informações são as narrativas de memória, que segundo Guimarães Neto (2005, p. 2):

[...] reúne, numa história completa [...], os acontecimentos dispersos e vários tipos de ações, planejadas e inesperadas, dando a eles significados preciosos. [...] as histórias relatadas, utilizando as figuras e os procedimentos da narração, expressam o tempo vivido e nos conduzem ao jogo das experiências sociais.

Nesse sentido, as memórias narradas são fatos da vida de determinado sujeito, resgatadas e transformadas em experiências sociais e compartilhadas.

As lembranças guardadas na memória transformadas em linguagem, evidenciam vivências influenciadas pelo meio em que vivemos e pelos grupos que participamos, que são atualizadas na hora em que ocorre a narrativa. Além de ser um processo individual, também apresenta a influência do grupo, pois segundo Halbwachs (*apud* SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 288) “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito”. Nossa memória é construída pelas interações que vivemos ao longo de nossa história, de modo que o ambiente e as interações sociais influenciam no processo de construção e resgate dessas memórias.

Na elaboração do roteiro de entrevista da pesquisa, foram utilizadas as seguintes temáticas: a) origem e trajetória; b) chegada na cidade de Juara; c) infraestrutura física e logística da cidade; d) aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais; e) aspectos educacionais; e f) aspectos contemporâneos da cidade.

No presente artigo, serão destacados o processo de colonização do município de Juara, bem como os aspectos educacionais da década de 1980, ressaltando as questões do currículo e da cultura escolar naquele período, apontando as lutas de profissionais da educação e colonos para terem o direito a uma educação mais digna, os desafios enfrentados no início de Juara, o sentimento de saudosismo que permearam as memórias do entrevistado no contexto de mudanças estruturais e históricas da educação brasileira.

### O processo de colonização em Juara

Guimarães Neto (1986, p. 1) nos possibilita refletir sobre as lutas e os desafios enfrentados pelas pessoas que se deslocavam para o Mato Grosso e questiona sobre o que faz com que essas pessoas se tornem ícones importantes e inspiradores na visão da História:

O que torna os homens tão grandes e tão poderosos, capazes de enfrentar perigos nunca vistos, saindo de “lugares tão distantes para lugares tão distantes”? Atravessem uma densa mata, sofram golpes de morte? De um lugar para outro, de um país para outro, de um sonho para outro? Aonde não teriam ido, para conseguir uma terra que prometia abundância?

Pessoas movidas pelo sonho do Eldorado, pelo anseio de uma vida melhor, principalmente, para sua família e fragilizadas pelas dificuldades financeiras eram alvos fáceis das empresas colonizadoras. Cumpre destacar que, na década de 1970, muitas

empresas colonizadoras foram criadas por meio de incentivos do governo, com políticas de ocupação, permitido que empresários se apropriassem de terras públicas para a criação de projetos de colonização.

Essas colonizadoras, por sua vez, usavam de grandes campanhas publicitárias para chamar a atenção de colonos e corretores para as novas áreas de fronteiras. Mobilizavam pessoas, que se deslocavam para a região Sul e Sudeste, direto nas plantações de café e de cereais para oferecer terras para os pequenos produtores – que plantavam em áreas pequenas, muitas vezes arrendadas – e divulgavam terras em grandes proporções, baratas, com infraestrutura de estradas e núcleos urbanizados e com belas plantações de café, divulgados por meio de cartazes elaborados para fins de propaganda.

Conforme Joanoni Neto (2008, p. 214) “a propaganda levada a efeito pelas empresas tomava várias formas. Cartazes afixados nas Associações e Sindicatos Rurais, Palestras, Reuniões, nas quais os corretores expunham as vantagens da região, programas de rádio, jornais informativos”. Essas estratégias faziam com que a propaganda de boca em boca fosse também eficaz, visto que “o próprio migrante, ou membros da família divulgavam o projeto em suas cidades de origem”.

As propagandas da colonização da região Noroeste criaram um imaginário nos migrantes de que essa região seria o Eldorado, a “terra prometida”. Conforme Joanoni Neto (2008, p. 215), “imagens que facilmente transitam entre o profano e o sagrado no universo religioso e popular e que persistem no tempo, incorporadas à memória coletiva dos colonos e depois dos munícipes destas áreas”.

Em Juara, o processo de colonização se deu no ano de 1971, quando José Pedro Dias, conhecido como Zé Paraná, comprou uma área de 35.338 hectares de terras. Nesse período, ele e mais alguns sócios criam a Sociedade Imobiliária da Bacia Amazônica (SIBAL), começam a lotear essas terras e vendê-las. O córrego Água Boa foi o ponto inicial da colonização, no dia 8 de outubro de 1971, até então, denominado de Gleba Taquaral (SILVA *et al*, 2003).

Após a demarcação de terras para venda, feita pela SIBAL, muitas famílias vieram para a Gleba Taquaral, pois a notícia da criação da vila se espalhou, onde se tinha a propaganda de terras férteis.

No ano de 1972, começam a chegar as primeiras famílias, formando, assim, um povoado, local este em que “o trabalho era contínuo na abertura de estradas, construção de pontes e a procura do núcleo habitacional” (SILVA *et al*, 2003, p. 25).

Portanto, essas famílias enfrentavam horas de viagens e, muitas vezes, quando chegavam ao local, as terras eram totalmente diferentes das propagandas apresentadas

pelos corretores, muitas terras inférteis e difíceis para a colheita. Mesmo assim, os colonizadores utilizavam de toda promessa para enriquecer às custas dos colonos.

Em 1972, o acesso a Juara era feito por meio fluvial. Nesse ano, com a chegada das primeiras famílias, pontes e estradas começaram a ser construídas, conforme Matos Sobrinho (2003, p. 16), a colonizadora SIBAL também se utilizava da propaganda para chamar a atenção dos pequenos agricultores, e falava que as terras eram férteis, porém, os pequenos agricultores compravam às escuras sem saber no que estavam investindo.

Juara foi fundada em 8 de julho de 1972. Nesse período, já havia 38 famílias no local, a maioria delas eram oriundas de regiões do Paraná e de cidades do Mato Grosso,

Mais parecem “errantes” sempre à procura de alguma coisa, não desistindo nunca, acreditando no desconhecido, recomeçando histórias, obedecendo a uma voz interior. Tratava-se de “algo-indefinido que impõem ao espírito e ao coração a convicção” (para usar algumas palavras de Joseph Conrad), da intenção que move forças até então desconhecidas da nossa alma e nos joga para frente em busca de um sonho perdido (GUIMARÃES NETO, 1986, p. 1).

Nesse cenário, Juara, ainda conhecida como Gleba Taquaral, continuou recebendo muitos agricultores, vindos para trabalhar para os proprietários de terras, que estavam em processo de derrubada da mata e extração da madeira, a fim de se instalarem na nova área.

Nessas terras reocupadas, o elo de solidariedade era necessário para a permanência das famílias no local, bem como as crenças e atividades conjuntas possibilitavam reuniões e espírito de reciprocidade. Portanto, as pequenas igrejazinhas construídas eram um espaço de convivência que uniam as pessoas, nas quais a comunidade se reunia para fazer orações e decidir questões da vida comunitária. As chamadas religiões populares marcaram esse período, conforme Joanoni Neto (2004, p. 139), “as religiões populares são instrumentos através dos quais os grupos populares exprimem a seu modo suas necessidades, seus anseios, suas esperanças não encontradas nas religiões ‘oficiais’ ou institucionais, frequentemente, expressão dos grupos privilegiados desta mesma sociedade”.

A responsabilidade em oferecer os serviços básicos de infraestrutura aos colonos e também o acesso à escola para seus filhos era da colonizadora, porém, esses serviços, quando ofertados, eram de maneira bem precária, principalmente a educação. Em Juara, não era diferente dos demais espaços que estavam sendo reocupados no Mato Grosso, como afirma Sant’Ana (2009, p. 146), a oferta de educação aos colonos de Juara era “precariamente organizada. A primeira construção destinada ao funcionamento da escola

foi utilizada como armazém. As aulas foram sendo realizadas, nos primeiros anos, em um galpão, de forma improvisada”.

Somente em 1979 foi inaugurado o primeiro prédio escolar em Juara, cuja infraestrutura básica ficou sob responsabilidade da colonizadora, e não existia a fiscalização por parte do Governo, nos serviços oferecidos (SANT’ANA, 2009).

Juara, no dia 23 de julho de 1974, por meio da Lei nº 3735, passou a ser Distrito da cidade de Porto dos Gaúchos e, no dia 14 de julho de 1981, ficou decidido a emancipação de Juara por meio de um plebiscito (SILVA *et al*, 2003). Juara se elevou rapidamente à categoria de cidade, pois os colonizadores tinham muito interesse em fazer com que esse processo ocorresse logo, porque as responsabilidades de oferecer condições mínimas de permanência passariam para a administração municipal.

### Escola Estadual Oscar Soares: uma viagem pela história

A nova cidade ia crescendo cada dia mais, recebendo mais migrantes, de modo que se fazia necessário criar infraestrutura adequada para atender essas famílias. Era imprescindível que se construíssem escolas para o atendimento e oferta de ensino para os filhos dos colonos,

Com o projeto de colonização em desenvolvimento na região e a chegada de várias famílias para essa localidade, aumentou-se ainda mais a demanda por escolas, e junto os programas educacionais, pois o número de crianças e colonos aumentava consideravelmente. É importante salientar que, a educação formal sempre foi uma das principais prioridades e metas desses migrantes e colonizadores, uma vez que, seus filhos já tinham iniciado os estudos em suas cidades de origem. Diante da necessidade de escolarização da comunidade, inicia-se por meio do Sr. José Pedro Dias a busca por pessoas que, além de terem certo grau de escolaridade, quisessem lecionar, ou seja, assumir a função de professor (SANTOS, 2013, p. 93).

Segundo Santos (2013), no ano de 1974, cria-se a Escola Estadual de 1º Grau, instituição que ofertava a modalidade das séries iniciais (1ª a 4ª série) por meio do decreto nº 2237. A escola citada foi criada durante o período da Ditadura Militar, porém, não foi realizada nenhuma construção digna para atender ao grande número de educandos, sendo um descaso com os filhos dos colonos e suas famílias que lutavam a cada dia para o crescimento de Juara.

[...] por um ato governamental, criou-se a escola, mas nenhuma construção foi feita para atender a essas crianças e comunidade. Dessa forma a pseudo independência adentrava aquele local pelo alicerce político e forçadamente pelo trabalho. E as condições da escola [...], denotam claramente a falta de



responsabilidade de uma administração que tinha na época a escola apenas como forma de discurso para barganhar a vinda e permanência dos colonos migrantes (SANTOS, 2013, p. 96).

A SIBAL era a responsável pelo espaço físico da nova escola, a prefeitura de Porto dos Gaúchos arcava com os honorários dos professores, ou seja, o Estado ficava fora de suas obrigações e, com a ajuda da comunidade, a escola ia crescendo (SANTOS, 2013). O quadro de professores era formado por pessoas que possuíam a 1ª a 4ª ou 5ª série do 1º grau, porém, naquela época o governo oferecia 5 bolsas para um curso de capacitação,

Até meados da década de 70 do século XX, houve várias preocupações em relação à formação de professores, devido à falta de qualificação. A maioria dos docentes atuantes possuía apenas escolaridade de 1ª a 4ª ou 5ª série do 1º Grau. Entretanto, naquele período, o Governo do estado e do Município ofertam 05 bolsas, beneficiando 03 professores da zona rural (Vila Juara) e 02 da sede Porto dos Gaúchos (zona urbana) para um curso de capacitação de 1º grau, o qual foi ministrado no Colégio Evangélico de Buriti. Infelizmente os coordenadores do curso não enviaram os certificados desses participantes para Juara, assim os professores não tiveram como comprovar sua participação e optaram por buscar novos cursos de formação (SANTOS, 2013, p. 99).

Segundo Santos (2013), necessitava-se construir um espaço adequado para a escola, pois o número de estudantes aumentava a cada dia. Então, o colonizador sugeriu que a escola ocupasse o mesmo espaço do Clube Social Recreativo União. Desse modo, pode-se concluir a falta de conhecimento diante da importância da instituição escolar, até porque aquela cultura de escola estava se consolidando na comunidade.

A migração ia crescendo cada vez mais, a região necessitava da construção de uma escola em um espaço próprio para atender aquela população, assim, nesse período “aconteceu a primeira tentativa de autorização de funcionamento da escola de forma institucional” (SANTOS, 2013, p. 105), pois, até então, a escola atendia anos iniciais, porém, necessitava do direito ao primeiro grau, fato que levou a população a pensar em ir embora da localidade para dar uma educação mais digna aos filhos, conforme aponta o autor:

Nesse interim, a escola já havia sido criada, mas até então não assumida pelo Governo Estadual. [...] houve a solicitação para a Secretaria de Educação e Cultura, mas a ampliação da modalidade iniciara desde março [...] sem autorização. Dando-se início ao primeiro ginásial (5ª série do ensino de 1º grau), visto eu os alunos, ao terminarem as séries iniciais, ou seja, de 1ª a 4ª séries, não tinham como dar continuidade aos seus estudos (SANTOS, 2013, p. 106).

Apesar das dificuldades e falta de espaço para atender ao número grande de educandos, cria-se a primeira estrutura da Escola Estadual de 1º grau, em Juara. Segundo Santos (2013, p. 114), “[...] a Escola Estadual de 1º Grau de Juara percorreu vários momentos importantes antes, durante e depois de sua criação, por meio de Decretos, Resoluções e Portarias durante o período [...] compreendido entre 1971 a 1990”. Essa instituição foi denominada de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Deputado Oscar Soares.

Atualmente a Escola Estadual Oscar Soares está localizada na Praça dos Colonizadores, nº 40, no município de Juara/MT. Atende a um total 1.200 de alunos, assim distribuídos nos três turnos. Funciona em prédio próprio. Conta com 15 salas de aulas climatizadas e informatizadas, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) sala de coordenação, 01(uma) administrativa, 01 (uma) cantina, 01 (uma) quadra de esportes, 02 (dois) banheiros para alunos, 01 (uma) sala de professores climatizada e informatizada, 01 (uma) biblioteca climatizada e informatizada (SANTOS, 2013, p. 114).

Atualmente, a escola conta com uma estrutura de boa qualidade, ofertando ao educando um espaço significativo e adequado para o processo de ensino aprendizagem. O processo de construção da escola se dá no ano de 1978, por força da comunidade e, em 1979, é inaugurada a escola construída em um prédio de alvenaria. O nome da instituição se deu para homenagear o ex-deputado Sr. Oscar Soares em decorrência de sua participação em discussões políticas em defesa de Juara.

Com o crescimento da população, a escola começa a ter uma demanda grande de educandos, passa a ser ampliada e a oferecer cursos para profissionalizar a comunidade. Ainda na década de 1970, oferece Habilitação para o Magistério nas séries iniciais e Habilitação Básica em Agropecuária. Concordamos com Santos (2013, p. 126) quando ele afirma que “a educação em Juara visava à preparação para o trabalho com mão de obra qualificada e o alicerce das ligações políticas. Essas parcerias direcionavam o crescimento econômico e cultural, além de impor os rumos do desenvolvimento na busca da emancipação social do local”.

Ao longo de sua História, a Escola Estadual Oscar Soares passou por muitos desafios. Teve a influência da igreja católica na época, contou com a criação da Associação de Pais e Mestres e, até hoje, contribui com o processo de educação de Juara. A instituição se manteve sempre em desenvolvimento desde sua criação, buscando atender as necessidades de seus munícipes (SANTOS, 2013).

## Currículo e cultura escolar na década de 1980

Por meio das narrativas de memória do professor aposentado, João Donizete Molina<sup>1</sup>, podemos analisar como se delineava o currículo e a cultura escolar da década de 1980, na Escola Oscar Soares.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia da História Oral, que pressupõe um conjunto de técnicas mobilizadas para a produção de documentos, a partir de depoimentos de pessoas que viveram o período estudado e que narram suas experiências e memórias ao pesquisador. Conforme Alberti (2008), essas narrativas de memória são tratadas e disponibilizadas para outros pesquisadores. Com o intuito de analisar as informações selecionadas nos depoimentos, faz-se o cruzamento com outras fontes bibliográficas e documentais.

Segundo Alberti (2008, p. 155), a História Oral “[...] consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”, ou seja, a História Oral é uma metodologia que visa a constituição de fontes por meio de narrativas de memória, colhidas por meio de entrevistas. A entrevista funciona como um processo de interação entre dois atores principais: entrevistador e entrevistado, é uma ação de cunho biográfico que possibilita “[...] um relato de ações passadas” (ALBERTI, 2008, p. 169).

A História Oral utiliza-se da entrevista para recolher lembranças transformadas em linguagem, que evidenciam elementos da memória de um determinado grupo social, comunidade ou sociedade. Segundo Alberti (2008, p. 155), “a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”, pois esses testemunhos só são possíveis graças aos registros gravados na memória e transformados em narrativas, por meio da interação entrevistado e entrevistador.

Segundo o professor entrevistado, com muito empenho e lutas na década de 1980, a Escola Oscar Soares já era vista como bem-conceituada no município de Juara,

[...] vim em 81 pra conhecer Juara por intermédio de uns parentes meu que já moravam em Juara, que é a minha irmã, que mora até hoje em Juara e constituiu a sua vida ali em Juara, e eu vim pra conhecer Juara e começar a lecionar na escola Oscar Soares, na época era a irmã Lucianete que era diretora da escola, nossa! Era uma escola muito conceituada, era uma das escolas mais bem falada de Juara e tudo, o conceito dela era ótimo, aí eu vim no ano de 82, eu vim pra

<sup>1</sup> A entrevista oral com João Donizete Molina foi realizada no dia 1 de agosto de 2017, depois tratada conforme a Metodologia da História Oral e seu conteúdo transcrito, juntamente com a gravação oral e o Termo de doação da Entrevista estão disponíveis para visitantes e pesquisadores no Laboratório de Memória, Imagem e Som, da Câmara Setorial de História do Museu do Vale do Arinos.

começar a lecionar... Em 81 eu vim pra conhecer, em dezembro, [...], em janeiro de 82 eu já vim pra ficar [...] (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

A construção da memória coletiva sobre o bom desempenho da Escola Oscar Soares faz refletir sobre o que Bosi (1994) considera como a elaboração do passado. Para a autora, “a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar” (BOSI, 1994, p. 68). A memória se atualiza a partir das referências do presente, portanto, essa elaboração do passado e as referências a uma suposta valorização social da escola são fundamentadas na posterioridade da ação.

Outro aspecto a destacar é a que a vinda do professor, assim como de muitos colonos e trabalhadores, se deu por meio do contato com familiares que já estavam na região, o que Joanoni Neto (2008), denomina de propaganda indireta.

Cumpre salientar que o professor Donizete fala de suas lembranças a partir de 1982, quando chegou ao município e passou a atuar como professor de Ciências, Matemática, História, Geografia, OSPB, após sua colação de grau em Votuporanga.

Na época era uma dificuldade professor em Juara, que nossa, era uma calamidade, tanto é que eu sou formado na faculdade de Ciências e Letras lá de Votuporanga, eu me formei no ano de 81, dia 22 de dezembro foi a minha colação de grau lá, aí logo em seguida eu vim pra cá. Aí quando cheguei em Juara, formado em Matemática, Licenciatura plena em Matemática, e fiz Ciências, a curta era em Ciências físicas e biológicas, quando cheguei em Juara eu fui lecionar além da Ciências e da Matemática, dava também ainda de Geografia, dava aula de História, pra você vê a dificuldade que era, não tinha professor na época, então dava aula de História, de Geografia, de Educação Artística, na época tinha OSPB, parece que tinha se não me engano, eu lecionava isso daí, tudo isso aí tinha que lecionar porque não tinha, faltava professor (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

As dificuldades eram grandes, e uma delas era a falta de professores. Muitas vezes faltavam professores de determinadas disciplinas, cabendo aos das demais áreas assumir essas aulas, sobrecarregando ainda mais os educadores.

Muitas lutas foram realizadas para que o professor pudesse ter seus direitos garantidos, para que pudesse trabalhar de forma digna, sem sobrecargas. “[...] nossa legislação apresenta grandes lacunas e limites, que terminam por comprometer as iniciativas que favoreceriam a execução das políticas para assegurar o profissionalismo na educação” (FERREIRA, 2016, p. 191).

Leis e políticas públicas foram surgindo para assegurar os direitos dos profissionais da educação, possibilitando aos professores a oportunidade de obterem

formação e remuneração “a meta 18 do Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece que, no prazo de dois anos, os profissionais da educação básica [...] deverão ter seus planos de carreira construídos com base no Piso Salarial Profissional Nacional” (NETO & CASTIONI, 2016, p. 30). Conquistaram, também, carga horária flexível para conciliar de forma menos cansativa as horas em sala de aula com as horas atividades para planejamento, correção de provas e trabalhos.

A escola pública pode ser caracterizada por três períodos distintos: pela ação de ministrar o ensino de forma coletiva, pela destinação de educação pública para toda a população e pela função do estado de manter e organizar a educação pública. Com o passar do tempo, percebem-se as mudanças que ocorreram na estrutura, na caracterização e nos anseios da educação pública brasileira, conforme aponta Saviani (2003, p. 185):

[...] podemos identificar pelo menos três acepções distintas em que pode ser utilizada a expressão “escola pública”. Na primeira acepção a escola pública é identificada como aquela que ministra o ensino coletivo por meio do método simultâneo, por oposição ao ensino ministrado por preceptores privados. Essa noção de escola pública pode ser encontrada até o final do século XVIII. A segunda acepção corresponde à escola pública como escola de massa, destinada à educação de toda a população. É com esse significado que no século XIX se difundiu a noção de instrução vinculada à iniciativa de se organizar os sistemas nacionais de ensino, tendo como objetivo permitir o acesso de toda a população de cada país à escola elementar. Finalmente, temos o entendimento da escola pública como estatal. Nesse caso trata-se da escola organizada e mantida pelo Estado e abrangendo todos os graus e ramos de ensino. É este último significado que prevalece.

Na década de 1970 (década de fundação da escola pesquisada) e na década de 1980 (período que o entrevistado chegou para lecionar no município de Juara), a educação era voltada para a “eficácia” do ensino, caracterizado por correntes pedagógicas que buscavam a racionalização, “o enfoque pedagógico volta a centrar-se na turma-sala de aula” (NÓVOA, 1999, p. 2). Durante o período da década de 1970 a 1980, a Gestão Pública da Educação sofria com lacunas, e os programas de aligeiramento da formação de professores para a qualificação foram lançados (FERREIRA, 2016, p. 192) com o intuito de atender a demanda a qual o Estado não comportava. A partir da década de 1980 a 1990, a educação passa a ser voltada para a “construção de uma pedagogia centrada na escola-organização” (NÓVOA, 1999, p. 2). Inicia-se um processo de desenvolvimento de metodologias organizacionais como gestão e avaliação. Nóvoa (1999) cita que, nesse período, pensava-se também em políticas de investigação, processos de “investigação-ação, investigação-formação”.

A concepção de educação, naquele período, estava voltada para a pedagogia tradicional, que consistia na maneira como era organizada a escola e que cabia ao professor transmitir as lições e exercícios para que os alunos pudessem realizar as tarefas com disciplina. Diante desse cenário, o professor podia ser “razoavelmente” capacitado. A gestão da escola não era democrática, uma vez que os gestores eram escolhidos pelo gestor estadual. Desse modo, foi necessário superar muitos desafios para que a democracia educacional tivesse seu espaço garantido, pois a gestão democrática “[...] oferece as oportunidades educacionais necessárias para a educação básica de seres sociais produzidos na relação” (WITTMANN e KLIPPEL, 2010, p. 129).

Ao se referir às escolhas de direção, por exemplo, o entrevistado afirma que os escolhidos eram pessoas de confiança do prefeito ou do governador, eram indicados para o cargo, sem ter um consentimento da população e dos próprios funcionários da escola,

a irmã Lucianete saiu e deixou o professor Domingos na direção da escola Oscar Soares, e aí era cargo de confiança, naquela época diretor não prestava concurso, não fazia nada, era cargo de confiança de prefeito e governador, se o prefeito falasse “esse é o que vai cuidar da escola lá”, era ele... Certo?! E na época o Riva era prefeito em Juara e ele [...] queria colocar alguém lá no gabinete da escola só para receber, pra trabalhar que era bom não aparecia, aí o Domingos não aceitou [...]. Aí o Riva na época não quis aquela proposta que o Domingos tinha feito né, pegou um avião e foi pra Cuiabá e lá já fez um Ato Governamental lá, no mesmo dia que ele chegou, exonerando o Domingos do cargo da direção da escola, queriam colocar um outro cidadão lá, que tava vindo, parece que de Goiás pra Juara, a mando deles lá, pra ser o diretor da escola. Então foi uma das primeiras greves que aconteceu em Juara em escola foi esta que nós fizemos, porque o Domingos tava saindo e a gente não queria, tudo bem que já tinha sido um Ato Governamental então não tinha como voltar atrás de mais nada né, o Domingos já não era mais diretor da escola, só que nós professores e alunos não aceitávamos aquela imposição que queriam colocar, iria ser um cidadão lá que não tinha conhecimento nenhum da educação, nós aceitaríamos sim uma pessoa que estivesse dentro do nosso meio na escola ali, que conhecesse da educação, porque uma escola tão bem conceituada ia deixar na mão de qualquer um? Não! (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

Por meio desse fato, inicia-se a primeira greve de profissionais da educação, em Juara, na Escola Oscar Soares. Segundo Wittmann e Klippel (2010, p. 132), “as práticas em gestão escolar, inerentes ao próprio movimento pedagógico-didático da escola, são tarefas de todos os agentes envolvidos e demandam compartilhamento”, professores e alunos da escola pesquisada param suas atividades para exigirem o direito de escolha para diretor, queriam o direito de voz, segundo nos relata o professor, à época:

[...] Rodrigues Palma, que era o secretário de Educação na época, veio de Cuiabá, ele que veio em Juara, fez uma reunião com todos os professores, pais de alunos, alunos e tudo, pra falar então quem que nós apoiaria pra ser diretor

da escola, aí na época nós votamos pra ser a Luciene, Luciene Saldanha Pacheco, era uma excelente pessoa dentro da escola, já trabalhava na escola, já tinha conhecimento de como funcionava a escola Oscar Soares, que era rígido o sistema de ensino da escola Oscar Soares, então a Luciene foi nomeada por ele a diretora da escola (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

Após muitas lutas por uma educação digna para os filhos dos colonos, a Escola Oscar Soares desenvolveu uma estrutura física até boa para a realidade vivenciada na época, a única dificuldade era a falta de tecnologias, conforme relato do entrevistado:

O prédio em partes, assim, era bem estruturadinho, nós tinha laboratório, aquele laboratório que vinha antigamente pra escola, tinha uma biblioteca até razoável, com bastante exemplares ali de pesquisa, [...] não existia ainda as informáticas, computadores não tinha, era tudo feito nas máquina né de datilografia, era aquelas dificuldade (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

O currículo se caracteriza como o movimento que “[...] transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares” (MOREIRA; SILVA, 1994, p. 8). Ou seja, o currículo pode ser caracterizado como um movimento que ocorre na escola e como um conjunto de conteúdo, uma trajetória em disputa, em constante modificação devido a dinâmica social. Sendo assim, nota-se um grande processo de mudança no currículo da década de 1980 para os dias atuais.

A identidade construída na educação e nos atores sociais da educação na década de 80 mudou suas características, pois o currículo tende a ser modificado para atender às atualizações ocorrentes por meio da globalização.

Havia a organização das disciplinas como está empregado no currículo. Havia disciplinas que hoje já não existem mais nos atuais currículos ou foram substituídas, porém apesar dessas organizações, a escola buscava desenvolver um trabalho voltado para a interdisciplinaridade e para o contexto social vivenciado pelos educandos, conforme relata o entrevistado:

[...] tinha até a horta escolar na época você precisava ver. [...] Os alunos plantava, ajudava, aí entrava na parte da Matemática pra gente medir né, cálculos ali já fazia na horta com os alunos. A gente trabalhava muito junto né, aí lá tinha um professor o Pacheco que trabalhava práticas agrícolas né, tinha aulas de práticas agrícolas na época e era ele que trabalhava e fazia isso aí. [...] se usava muito coisas de dentro dali mesmo, já aproveitando e trabalhando os alunos ali no plantio, quanto ao espaçamento, trabalhava o espaçamento, era gostoso né. A gente já trabalhava quase que tudo junto, já ia nas histórias ali, já contando que aquilo já vinha dos pais. [...] aproveitava a ideia de alunos também que trazia de casa, fazer cesta ou balaio, usava o balaio na colheita do milho, [...] aproveitava até pais pra vim na escola ajudar a ensinar como é que fazia um

balaio, como é fazia uma cesta, uma peneira com taboca, bambu, ai eles vinham pra ensinar a fazer, [...] já interagindo todo mundo junto (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

Nota-se que o currículo atendia ao contexto social vivenciado pela população, apresentava aos educandos as vivências na agricultura, as técnicas agrícolas, tudo trabalhado de forma integrada com as outras disciplinas. A participação ativa da comunidade escolar era muito visível; a escola a todo momento buscava desenvolver trabalhos em parceria com os pais dos alunos.

A escola pesquisada seguia um modelo rígido envolto por uma pedagogia tradicional, mas o entrevistado ressalta que a relação professor-aluno era muito mais amistosa do que nos dias atuais, como se nota no relato a seguir:

[...] quando estava em sala de aula estudava, chegava sexta feira, na sexta feira era sagrado, terminava a aula a gente saia na praça ali, de frente com a escola, sentava, que não tinha praça ainda daquele jeito bonitinha, nós levava as cadeiras, banquinho e botava lá, e o Henrique Gouveia [...] tinha um violão e nós reunia ali, quase todos os alunos da sala dele lá, sentava ali, aquilo terminava, apagava a luz, porque terminava meia-noite e nós continuava ali cantando música (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

Além dessa relação “amistosa” entre professor e aluno, o respeito também era diferente, pois o aluno demonstrava um apreço pelo professor. Devido à dificuldade que os alunos viviam, eles acabavam valorizando mais os estudos e o tempo que ficavam em sala, como nos lembra o entrevistado Donizete (2017). Pode-se notar nas falas do entrevistado um certo sentimento de saudosismo ao passado, pois, para ele, o sistema tradicional de ensino tinha mais êxito. Pelas suas expressões e fala, percebe-se que o entrevistado sente falta daquele período e se entristece ao falar das mudanças que foram ocorrendo no período histórico.

Além do projeto da horta escolar, a Escola mantinha um projeto de Artes desenvolvido por uma professora de Educação Artística, dentro de uma disciplina denominada de “Arte industrial”. Com esse projeto, os alunos e os professores desenvolviam trabalhos manuais e artesanais, sempre embasados do ensino interdisciplinar.

A Cultura Escolar se caracteriza como um emaranhado de funções englobadas no espaço escolar, conjuntos de conhecimentos e práticas,

poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação



desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (JULIA, 2001, p. 10-11).

A Escola tinha como costume organizar festividades para a comunidade escolar. Essas festividades aconteciam a maior parte na escola e tinham participação ativa da população:

7 de Setembro sempre teve, [...] as datas comemorativas assim mais importante era feito, dia das mães, dia dos pais, o dia de professor era bem comemorado na escola, o dia do estudante se comemorava na escola. [...] as datas comemorativas eram respeitadas, o aniversário da cidade de Juara, tinha desfile. [...] saía lá debaixo no hospital São Lucas e ia até lá no Oscar Soares, na praça, lá era o encontro, daí tinha o palanque onde as autoridades falavam, finado Zé Paraná né, deputado Riva e outros que vinham (João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017).

Atos cívicos, disciplina, participação ativa da população, tudo isso fazia parte da Cultura da Escola Oscar Soares, porém, ao longo do tempo com as mudanças diante da globalização necessitou mudar muitas coisas em relação a Cultura que era cultivada.

### **Considerações finais**

Durante seu processo de colonização, Juara passou por muitos desafios: em 1972, começam a chegar as primeiras famílias na nova comunidade, fato que só foi permitido pela iniciativa de Zé Paraná ao comprar essas terras e investir na colonização das mesmas. Foram tempos árduos, percorrendo um grande contexto histórico, que englobou a forte migração para o Mato Grosso e a colonização de Porto dos Gaúchos, colaborando com o surgimento de Juara e foi a primeira do Vale do Arinos a ser colonizada.

Além das lutas, podem-se destacar grandes conquistas, como a criação da Escola Estadual Oscar Soares, erguida por causa da luta e pressão da comunidade de colonos, que construíram a cidade de Juara e, com suas mãos, ergueram a primeira Escola Estadual do Município.

Ocorreram inúmeras mudanças no processo de ensino e estrutura da Escola Oscar Soares; foram muitas lutas para se alcançar melhorias no ensino em Juara. Nota-se na fala do entrevistado um sentimento de saudosismo, ou seja, um grande apego e fidelidade ao passado, aos costumes daquela época e aos métodos tradicionais de ensino. Somente foram citados momentos positivos daquele período, as dificuldades foram citadas parcialmente e discretamente, não foram tão evidenciadas.

Apesar das dificuldades, o amor pela profissão sempre falou mais alto. Os professores utilizavam-se do pouco que tinham para transformar a vida dos educandos e ajudar no processo de ensino-aprendizagem, portanto, veem a educação como um sacerdócio e não como profissão. Na fala do entrevistado, aparece um currículo que atendia ao contexto de vida dos educandos, tais como aspectos de proximidade com as famílias e atividades agrícolas.

Finalmente, consideramos também que, na produção das narrativas de memórias de professores que fizeram a história da educação em Juara e na apresentação ao público, por meio de artigos e publicações, estimulamos o conhecimento das suas origens, das mudanças no cenário da educação, dos conflitos do percurso do currículo, do enriquecimento da Cultura Escolar e suas mudanças, da interação entre mudanças e permanências que influenciam as instituições escolares.

Sempre se desenvolvendo, a escola é, atualmente, um exemplo de instituição e busca dar o melhor em educação para sua população. Nossas terras e nosso povo carregam marca de grandes lutas: de sol a sol iam construindo o progresso, a cada suor derramado uma perspectiva de vida melhor, principalmente, para sua família. Nossas cidades, nossa história, não surgiram do nada: surgiram da luta e dos sonhos de alguém, neste caso, dos sonhos e da luta de muitos que para cá vieram.

## Referências

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 22, 1990, João Pessoa, PB. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. p. 1-10.

\_\_\_\_\_. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FALCÃO, Jairo Luiz Fleck. *Fronteira, Territorialidade e Cultura: História de Juara-MT na memória de seus habitantes*. PRPPG/UNEMAT: Projeto de Pesquisa institucionalizado em 2015. Disponível em: <http://gpo.unemat.br/Impressao/PDF/visualizar-pppdf.php?fxc=PP2H1Db&fxpp=RvtUY&fxfn=14352935835606726445-92938736053&fxfe=pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

FERREIRA, Gilmar Soares. *O profissional da educação na Constituição Brasileira*. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 18, p. 189-199, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 15 jun. 2016.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do ouro verde – A colonização em Alta Floresta/Mato Grosso*. Campinas, 1986. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas-SP, 1986.

\_\_\_\_\_. História, Memória e práticas de Espaço. In: ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, 2005. Londrina: ANPUH, 2005. p. 1-8.

JOANONI NETO, Vitale. *Fronteiras da Crença*. Da libertação ao carisma. A Igreja Católica na cidade de Juína. (1978-1998). Assis, 2004. 359 f. Tese (Doutorado em História. Área de Concentração: História e Sociedade) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2004.

\_\_\_\_\_. A Terra do Sonho. Igreja e ocupação no Mato Grosso após 1970. Memória da reconstrução da vida privada. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, n. 1, mai. 2008, p. 213-221.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, vol. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em: 25 ago. 2015.

MATOS SOBRINHO, José Silva. *O processo de colonização do município de Juara-MT: Das pequenas propriedades aos grandes latifúndios*. 2003. Trabalho de Conclusão de Área de Estudos Sociais (Curso de Pedagogia), Instituto de Educação, Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD), Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, 2003.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1994.

NETO, Odorico Ferreira Cardoso; CASTIONI, Remi. Os desafios da carreira dos profissionais da educação à luz do Plano Nacional de Educação. *Revista Com Censo*, Brasília, vol. 3, n. 4, p. 30-40. nov. de 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/54/51>. Acesso em: 10 jun. 2018.

NÓVOA, Antônio. *Para uma análise das instituições escolares*. 1999. Disponível em: [www.escolabarao.com.br/pdf/texto2/files/publication.pdf](http://www.escolabarao.com.br/pdf/texto2/files/publication.pdf). Acesso em: 10 de jun. 2018.

SANTOS, Reginaldo José dos. *História da Educação Matemática no Estado de Mato Grosso: o movimento da Matemática moderna no município de Juara no período de 1970 a 1990, a partir da Escola Estadual Oscar Soares*, 2013. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, 2013.

SAVIANI, Dermeval. A história da escola pública no Brasil. *Revista de Ciências da Educação*. Ano 5, n. 8, p. 185-201, Jun/2003.

SILVA, Anésio Andrade da *et al.* *O processo de colonização de Mato Grosso Juara: a fala dos pioneiros*. Trabalho de Conclusão de Área de Estudos Sociais (Curso de Pedagogia), Instituto de Educação, Núcleo de Educação Aberta e a Distância (NEAD), Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, 2003.

SANT'ANA, Daniela Alves Braga. *Alianças Multifacetadas, Colonização de Juara – Mato Grosso - Discursos, práticas culturais e memórias (1971-2008)*. Cuiabá, 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, 2009.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória coletiva e Experiência*. São Paulo: Instituto de Psicologia – USP, 1993.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPPEL, Sandra Regina. *A prática da gestão democrática no ambiente escolar*. Curitiba: IBPEX, 2010.

#### Fontes orais

João Donizete Molina, entrevista, 01 ago. 2017.